

CULTURA E RELIGIÃO

Conhecer as diferentes religiões que se espalham por nosso país e pelo mundo afora, possibilita-nos abrimos os olhos para o mundo, ou melhor, conhecermos outras dimensões para se compreender e explicar a sociedade, a vida e o universo. Uma segunda forma de compreensão do pensamento religioso é percebê-lo como instrumento de dominação, de intolerância, e que ao extremo pode chegar ao fanatismo religioso. No Brasil, não somos obrigados a seguir uma única religião, como ocorre em alguns países. Inclusive a Constituição Nacional nos assegura a liberdade de credo e de culto segundo o art.5º, cap.I, inciso VI. Isso significa que, ao nascermos, quase sempre seguimos a religião de nossa família, mas que ao longo da vida podemos escolher uma nova religião, ou mesmo optarmos pelo ateísmo. Essa conquista, no entanto, foi obtida por meio de muita luta e de muita opressão.

Os três clássicos da Sociologia, Marx, Durkheim e Weber, são unânimes em anunciar o previsível fim da religião. Afirmam que com o desenvolvimento das sociedades industriais, a religião tenderia a perder espaço para outras atividades sociais. Ou seja, a racionalidade inerente a modernização e a industrialização levaria ao que a Sociologia denomina de processo de secularização. É óbvio que se equivocaram!

Para Durkheim, a religião teria a função de fortalecer os laços de coesão social, e contribuir para a solidariedade dos membros do grupo. Por isso, as cerimônias e os rituais ganham uma grande importância, uma vez que são estes momentos que possibilitam o encontro dos fiéis e a reafirmação de suas crenças. A religião, para ele, possui unicamente a função de conservar e fortalecer a ordem estabelecida. De forma alguma pode ser associada a questões de poder político ou ideológico.

Para Marx, a sociedade civil só terá condições de alcançar a liberdade, ou a “emancipação humana” quando tiver condições de participar efetivamente das decisões políticas do Estado, e, por conseguinte alcançar a verdadeira democracia. De modo a sociedade produzir e distribuir seus bens, assim como na presença de um Estado que atendesse aos interesses coletivos, pois uma vez construída uma sociedade justa e igualitária, não haveria mais necessidade das pessoas sonharem com um mundo ideal, ou um paraíso. “Ópio do povo” significa que o povo projeta em seus deuses e no mundo sobrenatural a vida que deseja ter aqui na Terra. Esta forma de pensar leva à resignação, a aceitação das condições de nossa vida como um destino que não pode ser modificado. Mas Marx demonstra grande compreensão pela manifestações religiosas quando afirma: “a religião é o coração de um mundo sem coração”.

Weber, em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, desenvolve um interessante estudo em que demonstra o quanto os protestantes (em especial os calvinistas) contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo.